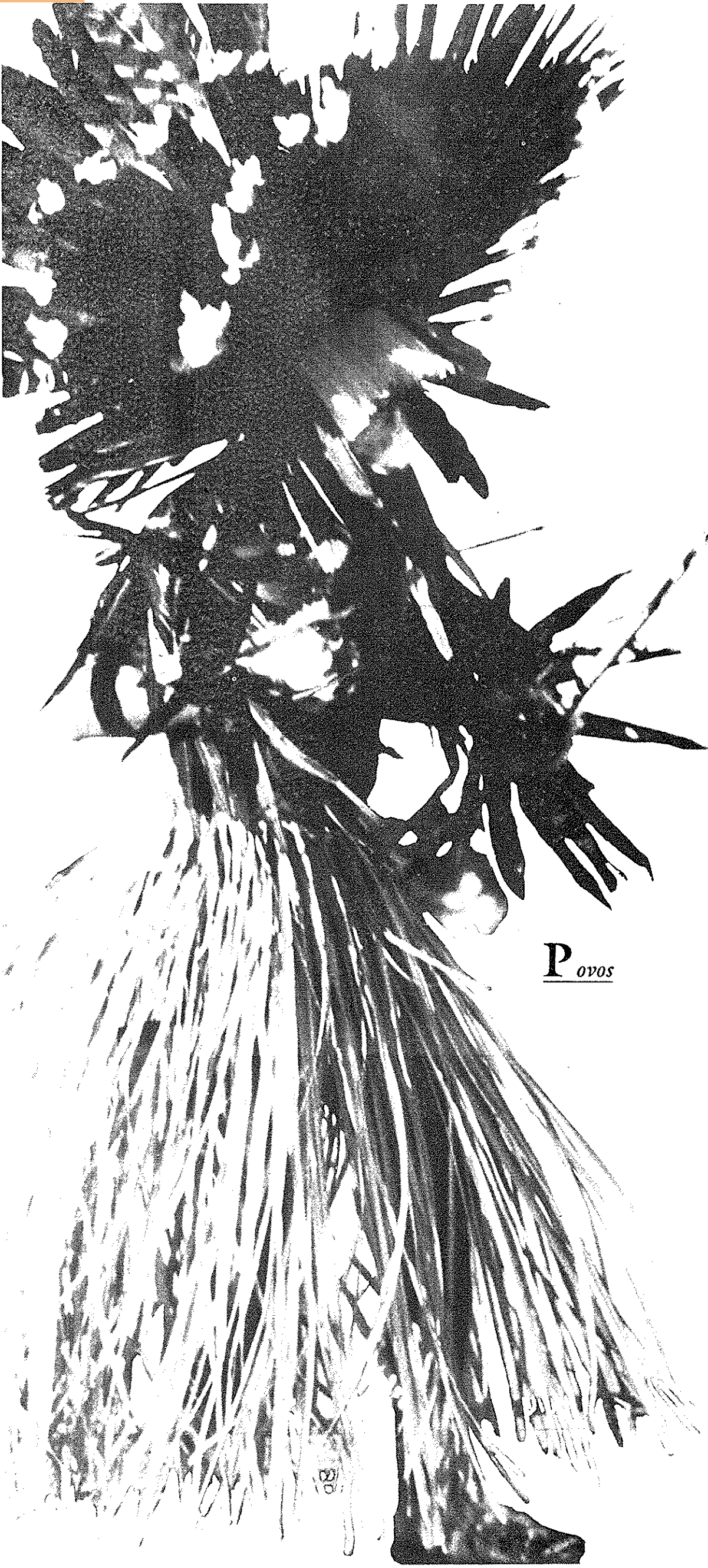


Banco de Dados/Agência USP



# A tragédia dos nossos índios: a vida perto dos brancos.

*O suicídio de guaranis é o ápice de um drama que acompanha nossos índios há 490 anos e dizimou quase todas as tribos. Por Elisabeth Karam.*

No final de uma temporada de trabalho fora, o jovem índio voltou para casa trazendo no bolso o dinheiro do pagamento. Quando conversou com a mulher sobre como seria gasto, não chegaram a um acordo e brigaram. No dia seguinte, o jovem índio foi encontrado enforcado: suicidara-se.

O fato ocorreu no posto indígena de Takuapiry, perto da cidade de Amambai, no Mato Grosso do Sul, em 1987, época em que a antropóloga Marta Maria Azevedo andava por lá, levantando material sobre música entre os guarani. Desde então a situação piorou: nos últimos dois anos, só entre os 6 mil índios guarani que vivem no posto indígena de Dourados, na mesma região, foram registrados 74 suicídios. Os observadores acreditam que esse número possa chegar a 120 contando os casos ocorridos em outros onze postos indígenas do Mato Grosso do Sul, que abrigam cerca de 18 mil guaranis (kaiowá e nhandeva). Neste início de ano, já foram registrados mais três casos.

"É um sinal evidente de que eles não estão nada bem", diz Marta Azevedo. Ela acrescenta: "É uma forma de reação frente à realidade do contato, sem dúvida, pois tradicionalmente não havia tantos casos". É um indício do agravamento da situação de desagregação a que são levadas sociedades indígenas localizadas em território brasileiro.

Nesses quase cinco séculos de história de dominação e colonização, a tragédia do decréscimo populacional dos povos que habitavam as terras em que depois chegaram os europeus está estampada nos números: dos 5 milhões de indivíduos existentes então, restam hoje cerca de 230 mil, segundo estimativa do Centro Ecumênico de Documentação e Informação (Cedi). Muitos fatores contribuíram para esse ocaso indígena, desde a matança pura e simples para ocupação das terras pelos novos donos às doenças levadas nesses contatos, contra as quais os índios não tinham qualquer resistência. Por parte dos povos indígenas, a violência que sempre marcou esse encontro com a civilização dos brancos também provocou reações internas de autodestruição. Estatisticamente não são números representativos, mas mostram o desespero a que essas populações são levadas.

### Sem saída

Dourados é o caso mais recente, mas não o único. A lista desses exemplos é encabeçada pelo registro feito ainda pelos jesuítas, nas cartas que mandavam a seus super-

riores dando conta da situação que encontravam nas terras a serem catequizadas. Heróis na literatura, os indígenas da vida real sempre foram mais vistos como selvagens que deviam ser contidos a qualquer custo.

"Numa primeira fase, os indígenas não sabem como funciona o mundo dos não-índios, ainda têm um certo fascínio pelos nossos objetos. Mas, depois, o fascino, o espelho e a tesoura não resolvem a vida, só atrapalham", diz a antropóloga Sylvania Caiuby Novacs, professora do Departamento de Antropologia da USP, que desde 1970 trabalha com os bororo (pronuncia-se borôro) na região central de Mato Grosso. Nesses momentos, caracterizados por crises e impossibilidade de ver alternativas, sociedades de qualquer tipo começam a buscar saídas destrutivas, como excesso de consumo de álcool e drogas, suicídios e a proliferação de seitas religiosas.

A antropóloga Lux Vidal, do Departamento de Antropologia da USP, lembra diversos casos de desagregação social, alcoolismo e movimentos messiânicos comuns nessas horas. Os timbira, no Maranhão, tiveram vários surtos messiânicos nas décadas de 50 e 60. Outras sociedades, ressalta a antropóloga, perdem a vontade de se reproduzir, como os asurini do Xingu, nos anos 70.

Os exemplos ocorrem por todo o País. No Nordeste, os pataxó da Bahia tiveram suas terras tomadas por fazendas de cacau. Vivem hoje em minúsculos redutos, em completa miséria e total falta de perspectivas. Bororo, kraho, karajá do Brasil Central, kaingang do Rio Grande do Sul, guarani de São Paulo, também passam por crises. As manifestações mais comuns são um profundo desânimo que pode levar ao alcoolismo e à desagregação social.

Há casos ainda de total abandono que arrasta à morte pela fome. Os yanomami, em Roraima, defrontam-se com invasores em busca dos minérios de suas terras. Estão morrendo de fome, num caso de absoluta omissão das autoridades responsáveis pelos índios. Os xetá desapareceram por falta de assistência, os suruí de Rondônia e os caiapó do Pará estão em situação calamitosa, com suas terras invadidas por madeireiros.

"É uma crise muito generalizada, com invasão das terras, diminuição dos recursos de subsistência e a conseqüente mudança que isso acarreta: em vez de caçar, passam a depender da agricultura; nômades, viram sedentários", observa Sylvania. Nesse processo, passam a depender de produtos que precisam adquirir na cidade, e ali também vão em busca de trabalho. ►

## Povos

Perdidos de sua cultura e vítimas de contatos violentos, na maioria das vezes, os índios não encontram saída e procuram a morte. Só na região de Dourados (veja o mapa), foram registrados 74 suicídios nos últimos dois anos.

